

Relações históricas complexas entre animais e seres humanos: relatos da epidemia da “febre dos papagaios” na imprensa portuguesa

Complex historical relationships between animals and humans: reports of the “parrot fever” epidemic in the portuguese press

Relations historiques complexes entre les animaux et les humains : reportages sur l'épidémie de «fièvre des perroquets» dans la presse portugaise

Alexandra Esteves

Professora Associada com Agregação
Departamento de História do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho
Lab2PT-UMinho - Campus de Gualtar - Braga, Portugal
alexandraesteves@ics.uminho.pt

Resumo

As relações entre os seres humanos e os animais têm variado ao longo do tempo, para o que têm contribuído, entre muitos outros fatores, o progresso da humanidade, o desenvolvimento científico e tecnológico, a diversidade cultural e a forma como o animal tem sido considerado.

Na contemporaneidade, consolidou-se uma conceção mais “humanista” do animal, afastada da visão cartesiana, segundo a qual os animais não passavam de máquinas desprovidas de sentiência. A crescente preocupação com o bem-estar animal, que se já se observa nas sociedades oitocentistas e primonovecentistas, refletiu-se não só no plano relacional, mas também no surgimento das sociedades protetoras dos animais, na denúncia de violências e abusos sobre eles cometidos e até em debates sobre o tratamento que lhes é devido. Todavia, a relação de proximidade entre o ser humano e o animal não está isenta de riscos para ambos, designadamente sob o ponto de vista sanitário. Assim, as zoonoses passam a ser objeto de discussão e o animal, por ser um potencial transmissor de doenças, torna-se motivo de preocupação.

Nesta reflexão pretendemos, essencialmente, abordar uma zoonose que ficou conhecida como “a febre dos papagaios”, que colocou em sobressalto as sociedades dos finais do século XIX e dos inícios do século XX. A prática de domesticar papagaios desenvolveu-se na contemporaneidade, sobretudo depois da Revolução Francesa, o que estimulou o comércio dessas aves, livre de quaisquer mecanismos de fiscalização, que terá estado, aliás, na origem daquela epidemia. Faremos, assim, a contextualização e a análise da evolução do processo de domesticação das aves e de outros animais, aludindo, em particular, ao caso de Portugal e às perceções existentes na sociedade portuguesa sobre os animais e a sua relação com os seres humanos. Para o efeito, recorreremos à legislação pro-

mulgada, à imprensa médica e aos periódicos generalistas, ao jornal da Sociedade Protetora dos Animais de Lisboa, *O Zoophilo*, bem como a dissertações de médicos portugueses. O conceito de *Uma só saúde* demonstra a relevância da saúde animal para a saúde e o bem-estar humanos. Daí a necessidade de refletir sobre a historicidade da relação entre seres humanos e animais, que se intensificou na contemporaneidade, tendo em consideração as suas implicações.

Palavras-chave: “febre dos papagaios”; aves; animais; epidemias; zoonoses; sociedades protetoras dos animais; *O Zoophilo*

Abstract

The relationships between human beings and animals have varied over time, to which, among many other factors, the progress of humanity, scientific and technological development, cultural diversity and the way in which animals have been considered have contributed.

In contemporary times, a more “humanist” conception of the animal has been consolidated, far from the Cartesian vision, according to which animals were nothing more than machines devoid of sentience. The growing concern for animal welfare, which can already be seen in 19th century societies and at the beginning of the 20th century, was reflected not only on a relational level, but also in the emergence of animal protection societies, in the reporting of violence and abuse committed against them and even in debates about the treatment due to them. However, the close relationship between humans and animals is not free from risks for both, particularly from a health point of view. Thus, zoonoses become the subject of discussion and the animal, as a potential

transmitter of diseases, becomes a cause for concern. In this reflection, we essentially intend to address a zoonosis that became known as “parrot fever”, which shocked societies at the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. The practice of domesticating parrots developed in contemporary times, especially after the French Revolution, which stimulated the trade in these birds, free from any inspection mechanisms, which was, in fact, at the origin of that epidemic. We will therefore contextualize and analyze the evolution of the domestication process of birds and other animals, referring, in particular, to the case of Portugal and the existing perceptions in Portuguese society about animals and their relationship with human beings. To this end, we used enacted legislation, the medical press and generalist periodicals, the newspaper of the Sociedade Protetora dos Animais de Lisboa, *O Zoophilo*, as well as dissertations by Portuguese doctors.

Keywords: “parrot fever”; birds; animals; epidemics; zoonoses; animal protection societies; *The Zoophilo*.

Résumé

Les relations entre les êtres humains et les animaux ont varié au fil du temps, auxquelles ont contribué, entre autres facteurs, le progrès de l’humanité, le développement scientifique et technologique, la diversité culturelle et la manière dont les animaux ont été considérés.

À l’époque contemporaine, s’est consolidée une conception plus « humaniste » de l’animal, loin de la vision cartésienne selon laquelle les animaux n’étaient que des machines dénuées de sensibilité. Le souci croissant du bien-être animal, déjà visible dans les sociétés du XIXe et du début du XIXe siècle, s’est traduit non seulement sur le plan relationnel, mais aussi par l’émergence de sociétés de protection des animaux, par la dénonciation des violences et des abus commis à leur encontre et même dans les débats sur le traitement qui leur est dû. Cependant, la relation étroite entre l’homme et l’animal n’est pas exempte de risques pour l’un et l’autre, notamment d’un point de vue sanitaire. Ainsi, les zoonoses deviennent un sujet de discussion et l’animal, en tant que transmetteur potentiel de maladies, devient un sujet d’inquiétude.

Dans cette réflexion, nous entendons essentiellement nous attaquer à une zoonose connue sous le nom de « fièvre du perroquet », qui a choqué les sociétés de la fin du XIXe siècle et du début du XXe siècle. La pratique de la domestication des perroquets s’est développée à l’époque contemporaine, notamment après la Révolution française, qui a stimulé le commerce de ces oiseaux, affranchi de tout mécanisme de contrôle, ce qui fut d’ailleurs à l’origine de cette épidémie. Nous contextualiserons et analyserons donc l’évolution du processus de domestication des oiseaux et d’autres ani-

maux, en nous référant notamment au cas du Portugal et aux perceptions existantes dans la société portugaise sur les animaux et leur relation avec les êtres humains. Pour cela, nous avons utilisé la législation en vigueur, la presse médicale et les périodiques généralistes, le journal de la Sociedade Protetora dos Animais de Lisboa, *O Zoophilo*, ainsi que les thèses de médecins portugais.

Le concept One Health démontre la pertinence de la santé animale pour la santé et le bien-être humains. D’où la nécessité de réfléchir sur l’historicité de la relation entre les êtres humains et les animaux, qui s’est intensifiée à l’époque contemporaine, en tenant compte de ses implications.

Mots-clés: “fièvre du perroquet”; des oiseaux; animaux; épidémies; les zoonoses; les sociétés de protection des animaux; *Le Zoophile*

Introdução

Desde há milhares de anos que o ser humano lida com a doença. As mudanças que, ao longo do tempo, foram acontecendo no seu modo de vida e no relacionamento com os outros e com a Natureza abriram caminho ao surgimento e à propagação de enfermidades que, ciclicamente, afetam o quotidiano e a vivência das populações. A resposta a certas doenças condicionou, direta ou indiretamente, o desenvolvimento de diversas marcas comportamentais, psicológicas e genéticas que caracterizam o ser humano. Essa resposta foi evoluindo conforme os avanços conseguidos, particularmente entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX.

A história das doenças infecciosas mostra que estas se transformam em epidemias quando o ser humano cria condições favoráveis para o seu desenvolvimento, nomeadamente através da ocorrência de guerras, de deslocamentos de grandes contingentes humanos, de influências religiosas e de rituais quotidianos, do crescimento urbano e consequente desequilíbrio ambiental e destruição de habitat de seres vivos. O aumento da população leva o ser humano a avançar para nichos territoriais e a colocar em causa o equilíbrio ecológico.

A pandemia de COVID-19 veio renovar os receios sobre as interações entre seres humanos e animais sob o ponto de vista da saúde pública, reconhecendo-se que muitos animais, com os quais mantemos um contacto próximo, transmitem doenças [1]. O risco de essas doenças se transformarem em epidemias é baixo. No entanto, a história apresenta vários exemplos recentes

de epidemias zoonóticas, como, por exemplo, a gripe das aves, o ébola, o vírus de Marburgo, entre outras [2]. As zoonoses, que poderão ser impulsionadas pelo desequilíbrio ecológico que se está a verificar com a destruição de certos habitats, afetam os indivíduos e poderão ter um forte impacto nas sociedades e nas economias. Atualmente, dois terços das doenças infecciosas têm origem animal. A maioria das zoonoses são endémicas, ou seja, tendem a estar confinadas a uma determinada área geográfica e algumas, como, por exemplo, a raiva, passam do animal para o ser humano, se bem que a possibilidade de transmissão de pessoa para pessoa é reduzida ou nula. No entanto, quando a zoonose endémica alcança uma nova área geográfica, infeta novas espécies e assume novas características (*e.g.*, resistência a medicamentos); quando um novo agente patogénico é transmitido aos seres humanos, provocando um surto, transforma-se numa zoonose emergente [3].

As zoonoses emergentes, provenientes do mundo selvagem, são responsáveis pela maioria das novas doenças infecciosas identificadas nas pessoas nos últimos 70 anos. Tal resulta da conjugação de diversos fatores: mudanças no uso da terra, crescimento populacional, alterações estruturais nas viagens e na atividade comercial, adaptação dos agentes patogénicos aos medicamentos, entre outros. O ser humano viaja cada vez mais, inclusive para regiões inóspitas, e continua a comercializar espécies de animais exóticos.

Nas últimas décadas, a aceleração das transformações globais conduziu à emergência de zoonoses como a monkeypox ou a SARS. Cerca de 65% das doenças dos animais são transmitidas ao ser humano e 75% das doenças do ser humano são transmitidas aos animais [4]. No tempo presente, entre as mais importantes, estão a brucelose, dengue, doença das chagas, raiva, leishmaniose, entre outras.

Atualmente, consumimos uma grande variedade de animais, alguns dos quais selvagens, e muitos deles podem abrigar bactérias, parasitas e vírus, que são transmitidos aos seres humanos. Assim, a produção, o processamento e o consumo de gado, bem como a caça são vias potenciais de transmissão de doenças (HIV/SIDA; SARS; Ébola) [5]. As transformações na gestão da terra, com a destruição de áreas florestais e a sua conversão em terrenos agrícolas, afetam a biodiversidade e as relações entre os animais e seres humanos. (*e.g.* doença de Lyme no Connecticut, EUA) [5]. A deslocação de grandes massas populacionais para áreas convertidas em terrenos agrícolas coloca essas pessoas à mercê de zoonoses endémicas e para as quais não têm imunidade [6].

O objetivo da nossa reflexão consiste na apresentação de uma epidemia que abalou o quotidiano das populações, conhecida como a “febre dos papagaios”, e que alarmou as autoridades sanitárias nos finais do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, bem como a opinião pública de então, que acompanhava os contornos da epidemia através da imprensa. Trata-se, afinal, de um acontecimento que mostra a forma como os nossos estilos de vida e a relação com os animais se foram alterando, tornando-se próxima e, conseqüentemente, passível de ser analisada sob diferentes prismas.

Ao longo do tempo, o ser humano foi trazendo animais para dentro de casa, transformando-os em companheiros; tem-se servido deles para o auxiliar na execução de inúmeras tarefas nas mais variadas áreas ou ainda como instrumentos de uma ciência em progresso, através, por exemplo, do recurso à vivissecção. Ora, tudo isto se vai intensificar no século XIX, quando se verifica a assunção desta realidade por parte de alguns setores da sociedade, que começam a defender o direito ao bem-estar dos animais, e que estarão na base das primeiras sociedades protetoras dos animais e da sua associação a outros movimentos coevos, nomeadamente ao movimento sufragista. A preocupação com o bem-estar animal e com a sua proteção, sobretudo face à ação humana, começa a verificar-se ainda no século XVIII, quando a insensibilidade e a ferocidade dos animais, apresentados por Descartes como máquinas orgânicas, começam a ser questionadas [7]. A explicação para esta mudança poderá estar associada à própria mudança comportamental encetada pelo ser humano face à violência, como considera Norbert Elias ou, como defendem outros autores, à alteração provocada pela revolução industrial, que torna menos presente e importante o trabalho animal. De facto, este movimento intensifica-se em oitocentos, com o Romantismo, sendo visível a maior preocupação com os animais, que aparecem, agora, como personagens da literatura infantil, assumindo características humanas [8].

A “febre dos papagaios” servirá de mote para uma reflexão maior sobre a nossa aproximação aos animais e para alertar para as conseqüências dessa circunstância, não só para os seres humanos, mas também para os próprios animais. Para o efeito, recorreremos, fundamentalmente, a dissertações escritas por médicos portugueses sobre a relação entre os seres humanos e os animais, a artigos sobre o assunto publicados na imprensa médica especializada, como a *Medicina Contemporânea*, ao jornal *O Zoophilo*, publicado pela Sociedade Protetora dos Animais de Lisboa, e à literatura.

Analizamos, ainda, a legislação promulgada, de modo a perceber o posicionamento de Portugal face a estas questões e às zoonozias, bem como a imprensa periódica, usada neste caso para perceber o desenvolvimento da epidemia de psitacose.

Seres humanos e animais: uma relação complexa

Sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, regista-se a publicação de um número crescente de artigos sobre animais, nomeadamente em revistas médicas, nas quais se escreve não só sobre as doenças que padecem ou transmitem ao ser humano, mas igualmente sobre aspetos que lhes são referentes, relacionados, por exemplo, com a sua inteligência, características físicas, bem-estar e até proteção. Tal decorre da existência de um novo contexto, marcado por mudanças filosóficas e científicas, que abalaram a teoria criacionista, que considerava o ser humano um produto da obra divina e detentor de um conjunto de atributos únicos. As descobertas de Darwin vieram abalar esta conceção. A partir de então, o ser humano passou a ser concebido como um animal que sofreu transformações ditadas pela sua relação com a própria Natureza. Darwin havia demonstrado, ainda, que os animais tinham a sua própria linguagem e compreendiam a linguagem humana.

Em 1898, nas páginas de *A Medicina Contemporânea*, Miguel Bombarda escrevia sobre a inteligência animal, lembrando o seguinte: “Não faltam factos demonstrando o elevado poder intelectual de certos animais. Não é, porém, mau repeti-los n’uma época em que todos os dias se tenta fazer regressão para tempos mortos, em que inteligência era tida como exclusivo apanágio do homem e pura emanção da divindade” [9]. De facto, a partir desta época, o biocentrismo tende a ganhar destaque, havendo maiores preocupações com o bem-estar animal, o que se vai refletir na condenação de certas práticas.

A mudança já havia sido operada no século anterior, com filósofos, como Voltaire e Rousseau, a colocarem em causa a perspetiva cartesiana do animal máquina. Este último defendia que os animais tinham uma certa habilidade para desenvolver pensamento [10]. Descartes havia considerado que os animais eram seres desprovidos de qualquer tipo de inteligência e que eram insensíveis à dor. Ainda no século XVI, Michel de Montaigne reconhecia nos animais várias características, como a comunicação, a candura e a reciprocidade [11].

A legislação promulgada irá refletir esta crescente preocupação com o animal, mas sob o ponto de vista da saúde pública. A 20 de setembro de 1900, era publicado no *Diário do Governo* o regulamento da sanidade pecuária de Lisboa, onde eram feitas referências à fiscalização do alojamento dos animais e do seu estado sanitário, mas as alterações e melhorias que eram preconizadas tinham em vista a salvaguarda da qualidade dos laticínios consumidos e não do bem-estar animal [12].

Vacarias e matadouros foram sendo alvo da atenção do legislador, dada a sua conotação com a insalubridade e com a junção de condições para a propagação de doenças passíveis de serem transmitidas ao ser humano. Em 22 de outubro de 1858, foram dadas instruções que deveriam ser adotadas pelo matadouro de Lisboa para combater uma epidemia de febre aftosa. Já em 1886, foi publicada uma portaria sobre as inspeções a realizar às vacarias, com o objetivo de evitar a transmissão da tuberculose. Os serviços pecuários, cujo plano de organização foi apresentado no mesmo ano e que estavam a cargo do Ministério das Obras Públicas, do Comércio e da Indústria, tinham, entre as suas incumbências, “o serviço de polícia higienica e sanitária dos animais [13]”.

No país acompanhava-se os debates que aconteciam na Inglaterra em torno das vivissecções realizadas em nome da ciência. Defendia-se que se devia evitar o sofrimento animal, tendo-se legislado sobre o assunto em 1907 [14]. Há muito praticada nas universidades, pelo menos desde a Idade Moderna [15], a vivissecção teve um maior incremento a partir da segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da fisiologia experimental [16].

Entre os nomes que então se destacavam, estava o de Louise (Lizzy) Lind-af-Hageby, que havia publicado a obra *Shambles of Science* referindo-se aos laboratórios onde os médicos faziam as suas experiências [17]. Os seus detratores consideravam que se o ser humano tinha animais de companhia ou para o auxiliar em determinados trabalhos, como era o caso da agricultura, também os poderia utilizar em nome do progresso e de uma medicina que deveria ser experimental. Este foi um debate bastante polarizado em Inglaterra, envolvendo vários quadrantes da sua sociedade desde o século XIX [18].

Em Portugal, nas páginas de *A Medicina Contemporânea*, Hageby era apelidada de radical, levada por um certo sentimentalismo, expresso na crítica às mulheres que se preocupavam com os animais, que podia boicotar o desenvolvimento da ciência. No entanto, não se deixava de apelar a um certo equilíbrio, defendendo-se o uso

moderado de experiências em animais e que se procurasse evitar o seu sofrimento [19].

Nos inícios do século XX, já se considerava que a relação próxima que o ser humano tinha com os animais, em particular com os domésticos, poderia ser causadora de algumas doenças. Gatos, cães, galinhas, porcos, cavalos e papagaios estavam entre os animais que transmitiam mais doenças aos seres humanos. Em 1915, a propósito

dos papagaios, o médico João Moutinho Gouveia escrevia o seguinte: “podem ser atacados de uma pneumonia infecciosa (...)” [20].

O crescente interesse dos médicos pelo universo dos animais estará associado à doença, particularmente à sua origem. No quadro abaixo, mostra-se o conhecimento que, em 1918, os médicos tinham sobre as zooplastias:

Quadro 1: Doenças que, em 1918, se considerava que eram transmitidas por animais a seres humanos
 Fonte: *Medicina Contemporânea*, n.º 47, Série II, Tomo XX, 1918, pp. 369-372.

Hospedeiro	Doença	Artrópode transmissor
Doenças de causa desconhecida		
Homem	Dengue	Mosquito
Homem	Febre dos três dias	Mosquito
Homem	Febre amarela	Mosquito
Homem	Tick paralis (América)	Carraça
Homem	Tick paralis (Austrália)	Carraça
Homem	Febre das Montanhas Rochosas	Carraças
Homem	Febre fluvial do Japão	Ácaros
Homem	Poliomielite aguda anterior	“Muitos insetos têm sido apontados como vetores”
Homem	Pelagra	Insetos
Homem	Tifo exantemático	Piolhos
Gado	Heart-water (África do Sul)	Carraças

Hospedeiro	Doença	Artrópode transmissor
Doenças bacterianas mais importantes		
Homem	Carbúnculo	Moscas?
Homem	Disenteria bacilar	Moscas domésticas
Homem	Lepra	Moscas? Pulgas? Percevejos? Ácaros? Mosquitos?
Homem	Paratifoide	Moscas. Disseminam
Homem e ratos	Peste	Pulgas
Homens e animais	Tuberculose	Moscas, carochas e pulgas? Percevejos?
Homem	Febre tifoide	Moscas. Disseminam. Água
Homem e cabras	Febre de Malta	Moscas. Disseminam. Leite
Homem	Meningite	Flies? Contágio direto
Homem	Impetigo dos trópicos	Piolhos

Hospedeiro	Doença	Artrópode transmissor
Doenças devidas a espiroquetas		
Homem	Febre recorrente indiana	Piolhos
Homem	Febre recorrente africana	Carraças
Aves	Espiroquetose	Carraças
Homem	Febre recorrente americana	Piolhos
Homem	Febre recorrente europeia	Piolhos. Percevejos?
Homem	Febre recorrente do norte de África	Piolhos
Gado	Febre recorrente da África do Sul	Carraças

Hospedeiro	Doença	Artrópode transmissor
	Doenças devidas a protozoários	
Homem	Disenteria amebiana	Moscas. Disseminam
Homem	Disenteria flagelados	Moscas. Disseminam
Homem	Quartã	Mosquitos
Homem	Terça benigna	Mosquitos
Macacos	Paludismo	Mosquitos
Aves	Paludismo	Mosquitos
Homem	Botão do Oriente	Moscas? Pulgas?
Homem	Kala-azar indiano	Percevejos? Pulgas?
Homem	Espundia	Artrópode propagador desconhecido
Crianças	Kala-azar infantil	Pulgas?
Bovídeos	Ferrujão	Carraças
Ovídeos, Cavalos e mulas	Piroplasmose	Carraças
Cães	Icterícia maligna	Carraças
Bovídeos	Hemoglobinúria da Rodésia	Carraças
Homem	Doença do sono	Mosca
Homem	Doença das chagas	Barbeiro
Equinos	Nagana	Mosca
Bovídeos	Surra	Tabanídeas

Contudo, neste período, ainda não se perspectivava o papel do ser humano e a sua responsabilidade na disseminação destas enfermidades, devido à sua exposição ao risco, que decorreria, designadamente, do seu comportamento social, dos seus usos, costumes, práticas, atividades comerciais [21].

Entre as zoonoses mais temidas e sobre as quais os médicos mais escreveram e o Estado mais legislou, estava a raiva, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, o que implicou a adoção de medidas sanitárias, incluindo a criação de dispensários antirrábicos. A deambulação de animais pelo espaço público, sobretudo cães, sem qualquer controlo, era motivo de receio, pelo que se admitia o seu abate, se apresentassem sinais de doença. Para além disso, começa-se a impor o recurso ao açaimo. Apesar das medidas tomadas, a doença assumia contornos de problema de saúde pública nos finais dos anos 30 do século XX. Em 1938, nas páginas do *Diário de Notícias*, escrevia-se:

Chegam-nos, frequentemente, de várias terras da província, notícias de gente mordida por cães raivosos. Damo-las com imensa tristeza, não só pelas vítimas, que sabemos em grande perigo, mas principalmente pela existência de um mal cuja endemia nos afronta e nos envergonha. Certo é que várias providências têm sido tomadas para debelar essa terrível doença na sua causa primária (gatos e cães). Mas

fiscalizações, vacinas obrigatórias, multas e outras medidas não conseguem, ao que a abundância de tais notícias prova, lutar eficientemente contra ela. De qualquer forma, a raiva tem de ser expurgada de Portugal, pois a sua existência não se compadece com os foros de país exemplar, progressivo e civilizado a que temos direito [22].

A vacinação dos canídeos contra a raiva era obrigatória desde 1926. No entanto, a Direção-Geral dos Serviços Pecuários não tinha meios materiais para atuar em todo o país. Entretanto, perante os contornos de gravidade da doença, José Alberto de Faria, o diretor-geral da Saúde à época, responsabilizou as câmaras municipais pela situação da raiva no país, em 1938, dado que era da sua competência a elaboração das posturas municipais, a castração dos animais, bem como proceder à fiscalização e aplicação dos processos de observação ou de extermínio [23].

Apesar do receio da doença, a população não deixava de condenar os métodos considerados desumanos para o extermínio dos animais, como era o recurso ao bolo envenenado [24].

Os animais domésticos

A presença de animais, nomeadamente cães, gatos e diversos pássaros engaiolados no ambiente doméstico

intensifica-se em oitocentos. Na literatura, é cada vez mais frequente a referência à predileção pelos animais de companhia, sobretudo cães e gatos [25]. O fascínio pelos papagaios devia-se à beleza das suas cores, mas sobretudo à sua capacidade de reproduzir palavras e sons humanos. Considerava-se ainda que

“(...) o papagaio é digno de estimação por outros dons, que nelle mostram graus superiores d’instincto, taes como a suscetibilidade de uma certa gratidão e afeição constante a quem o trata bem de aversão a quem o maltrata [26]”.

Num outro artigo do jornal *O Zoophilo*, em 1907, numa edição praticamente toda ela dedicada ao papagaio, eram reiteradas estas características, particularmente a sua capacidade de afeição aos donos [27].

Na Idade Moderna, o costume de colocar aves em gaiolas estava reservado aos estratos sociais mais elevados. Com a expansão marítima dos séculos XV e XVI, entre os primeiros animais exportados para a Europa, está o papagaio, que não era novidade no continente europeu, sendo já conhecido o gosto dos romanos por essa ave, como se pode verificar através de várias referências que lhe são feitas na literatura romana [28]. Gregos e romanos acreditavam que seria originário da Índia. Aristóteles tê-lo-á descrito, aludindo à sua capacidade de falar. No entanto, com o Cristianismo, o interesse pelo papagaio decaiu, embora algumas ordens religiosas continuassem a manter alguns exemplares em cativeiro. No entanto, a partir do século XIII, renova-se o interesse pelas aves exóticas, sendo os papagaios as aves mais valiosas [29].

Quando os europeus começaram a explorar as ilhas Canárias, regressaram à Europa com pequenos pássaros exóticos: os canários. Em Portugal, no reinado de D. Manuel I, já se engaiolavam canários. De facto, estas aves já estavam a ser domesticadas na Europa no século XVI. Com o objetivo de manter o comércio produtivo de aves, os mercadores das ilhas Canárias só vendiam machos. No entanto, dada a dificuldade de determinar o sexo, também eram vendidas fêmeas, ainda que a contragosto. Os canários tornam-se populares, sobretudo entre os membros da aristocracia, pois reuniam um conjunto de atributos: eram aves bonitas, dóceis, fáceis de cuidar e cantavam de forma melodiosa [30].

Na Idade Moderna, apareceu a tendência para usar os

pássaros como animais de companhia, o que levou à criação de gaiolas personalizadas. No século seguinte, vários escritores expressavam já o seu desagrado por esta prática, sendo um dos maios famosos Geoffrey Chaucer, na sua obra *os Contos da Cantuária* [31]. Surgiu ainda o interesse em ensinar comportamentos humanos aos animais. A questão impõe-se: mas porquê os pássaros?



Figura 1: Comendador José Joaquim de Gama Machado (1911)
Fonte: *O Zoophilo*, 1911, p. 1.

A figura 1 diz respeito ao comendador José Joaquim de Gama Machado, que exerceu funções de conselheiro honorário de Portugal em Paris e que se assumia como um defensor dos animais, aparecendo nas páginas de *O Zoophilo* com alguns exemplares, incluindo uma ave. Em testamento, legou as suas aves a uma criada e, como prova de apreço pelos animais, deixou uma renda para que delas cuidasse e para que a Sociedade Protetora dos Animais de Paris instituisse um prémio com o seu nome [32].

No século XIX e nos inícios do século XX, os pássaros engaiolados estão entre os animais domésticos mais populares. Aliás, no caso dos papagaios, a sua presença na Europa só aumenta de forma significativa a partir de oitocentos [33]. Este incremento, associado à prática de ter animais engaiolados, começará a ser alvo de troça em Portugal. Por outro lado, segundo Maria Antónia Lopes, aparecem autores a repudiar este costume [34]¹. O mesmo sentimento de rejeição dessa prática era expresso nas páginas de *O Zoophilo*, que tinha uma secção intitulada *os Animais na Poesia*. Em 1912, publicou um poema de Luiz Pistarini, intitulado *O Periquito*:

¹ A historiadora cita o autor d’O Piolho Viajante, que escreveu: Os homens, só pelo gosto de oprimir, privam-se até mesmo do que gostam. E eu o provo. Se tu, dono de pássaro, gostas de ouvir cantar pássaros, não andam eles à roda de ti, cantando? Quantas vezes te fazem eles os ninhos mesmo debaixo das janelas e te cantam logo de madrugada, sem tu fazeres despesa alguma com eles? Deixa-os na gaiola do mundo que é a tua mesma! Diz-me cá! Se te meterem na gaiola do Limoeiro, cantarás tu tão bem como se estivesses na gaiola do mundo? Pois então deixa os pobres pássaros e deixa também as pobres aranhas que nenhum mal te fazem.

*Filha, deram-to. E' teu, mas tem paciência
Tem dor, soltemos o passarinho...
E' tão bonito, sim! Mas que inclemência
Prendei-o aqui, n' esta corrente, anjinho!*

*Quem sabe, se elle é pae, se a sua ausência,
Triste, não chora o pobre filhinho?
Demais bem vez que é uma feroz violência
Prival-o, enfim, de regressar ao ninho...*

*Deixemol-o partir: upa! Eil-o voando!
Como vae presto, como vae sem medo,
Rectas fazendo e curvas delineando!*

*Choras? Paciencia... Que fazes querida!
- Isto é para que aprendas, desde cedo,
A ter justiça e a ser compadecida [35].*

Em 1901, também nas páginas do mesmo periódico, era mostrada a indignação pela forma como o ser humano tratava as aves:

“As aves teem em todos os tempos merecido os cuidados e atenções do homem, não só pela gentileza das suas côres e elegância da suas formas, como também pelo canto melodioso ou ameno gorjeio que são característico de muitas. Mas o homem, ingrato para com todas as coisas que a natureza criou para seu enlevo ou recreio, nem sempre sabe apreciar como deve, esses pobres seres, que Deus creára para ornamentarem o espaço, onde as notas alegres e festivas do seu canto se fazem ouvir... Nasceram as aves para serem livres, tendo como pátria o espaço, e o homem propenso sempre á tyrannia, prende-os como se ellas fossem uma grandes criminosos e em tão pequenas gaiolas que mal se podem voltar, e muitas vezes abandonadas e esquecidas, chegando muitas a morrer de fome e sede!...” [36].

Havia outro tipo de crueldades de que eram vítimas as aves e que eram criticadas pelas sociedades protetoras dos animais, nomeadamente o uso da sua plumagem para decoração de chapéus, a destruição de ninhos, o tiro aos pombos, o abate massivo de aves que consumiam insetos e eram consideradas úteis à agricultura. No entanto, nas páginas do periódico da *Sociedade Protetora dos Animais de Lisboa*, não se fazia alusão às condições do comércio de aves exóticas. As únicas referências tinham a ver com as condições do seu transporte nos comboios e com a higiene das gaiolas onde eram exibidas e vendidas nas feiras.



Figura 2: Vendedor de pássaros do século XIX
Fonte: Biblioteca Nacional, Portuguese birdseller. - : s.n., ca18-].
- 1 gravura: litografia aguarelada. Link: <http://purl.pt/13136>

À semelhança do que sucedia noutros países, também em Portugal começaram a ser organizadas exposições de aves, aproveitadas pelos criadores para exibirem aves canoras e ornamentais, não faltando concursos e atribuição de prémios. Entre 23 de fevereiro de 1902 e 2 de março de 1902, na Avenida da Liberdade, em Lisboa, num terreno vedado, decorreu um evento desta natureza, organizado pela Real Sociedade Nacional de Horticultura, onde não faltaram canários, periquitos e papagaios pernambucanos [37].

A partir da primeira década do século passado, começaram a surgir referências ao engaiolamento e ao sofrimento que tal prática provocava nos animais, colocando-os na dependência do ser humano. No entanto, tratava-se de matérias que não ocupavam as parangonas dos jornais.

Em dezembro de 1935, no Salão de Festas do jornal *O Século*, teve lugar uma exposição e feira do Pássaro, composta por várias secções: canários; aves nacionais; mestiços e híbridos; periquitos da Austrália; aves estrangeiras. A exposição serviu para alertar a população para a necessidade de proteger as aves, dado o seu papel no ecossistema, sobretudo na diminuição ou eliminação de insetos transmissores de doenças graves e até mortais. Apresentava-se, desta forma, um discurso já existente noutros países, onde já se levavam a cabo iniciativas que visavam a proteção das aves, materializadas, por exemplo, na organização de jardins especiais, na criação de ninheiros, refúgios ou esconderijos, e onde também já havia a tradição de campanhas que procuravam sensibilizar sobretudo os agricultores para a importância das aves, combatendo práticas que eram comuns no meio rural português, ainda nos anos

30, como a caça e a pilhagem de ninhos [38].

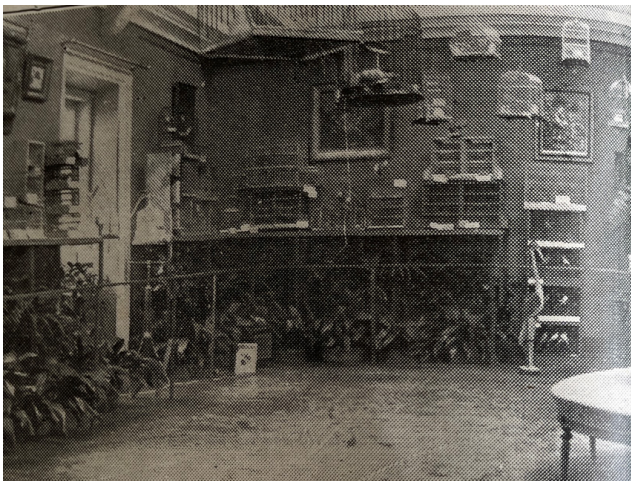


Figura 3: Recanto da exposição e feira do Pássaro (1935)
 Fonte: *O Zoófilo*, 1936, p. 2

A febre dos papagaios

A “febre dos papagaios” é o termo popular usado para designar a doença conhecida como psitacose, também chamada ornitose. Trata-se de uma zoonose provocada por uma bactéria *Chlamydia psittaci*, que nos seres humanos pode provocar vários sintomas, como febre, dor de cabeça, dores musculares, fadiga, dificuldades respiratórias, tosse e calafrios [39].

No século XIX, com a revolução dos transportes e o alargamento do contato com lugares e povos distantes ou até desconhecidos, intensifica-se a prática de comercializar e engaiolar animais. Papagaios, araras, entre outras aves, chegam a lares europeus. A comercialização de aves exóticas não tinha como objetivo apenas a sua domesticação, mas servia também para alimentar a indústria de penas, que se destinava a decorar os chapéus femininos, o que era criticado pelos movimentos de defesa dos animais [40]. A forma como as aves eram tratadas era também alvo da atenção das sociedades protetoras dos animais, que foram nascendo na Europa ao longo do século XIX e que começaram a reunir-se em congressos. O XIII Congresso da União Protetora dos Animais teve lugar em Paris e discutiu a situação das aves, chegando a algumas conclusões que deveriam ser seguidas pelos países. Nesse encontro, considerou-se que era importante acabar com processos de captura massiva de aves e estimular o conhecimento e o gosto pela ornitologia [41].

Em 1879, na Suíça, apareceu uma pneumonia atípica associada à exposição a animais exóticos. No entanto, não se conheciam os contornos da doença. Já

em 1892, uma grave epidemia de psitacose atingiu a cidade de Paris, provocada pela chegada de 500 animais importados da Argentina, o que teria causado diversos casos de broncopneumonia. A 29 de março desse ano, o jornal português *O Século* noticiava que um francês havia chegado a Paris, proveniente do Brasil, com um carregamento de 300 papagaios, estando na origem de uma “terrível epidemia”. À data, já teriam falecido quatro pessoas. Começava a surgir o medo dos papagaios, até então considerados “uma das aves mais inofensivas do mundo” [42].

A designação “psitacose” surge pela primeira vez em Paris, em 1895. Passou a significar a doença humana transmitida pelos psitacídeos. O surto parisiense originou uma taxa de mortalidade na ordem dos 33%. A doença já tinha sido descrita por Jurgensen, na Alemanha, na década de 70 do século XIX, sendo que os primeiros relatos da transmissão humana da doença remontam a essa década. A partir de então, registaram-se vários surtos. Na altura, referia-se a existência de uma “pneumonia tifosa”, associada a e transmitida por pássaros exóticos. Os primeiros trabalhos sobre a doença surgem a partir da epidemia de 1892 [43].

O comércio descontrolado e isento de fiscalização sanitária facilitava o transporte de animais doentes, que, entre outros males, eram portadores de psitacose, que passou a ser conhecida, no final do século XIX, como “febre dos papagaios”. A doença não é transmitida apenas por papagaios, mas também por outras aves, como rolas ou periquitos, cuja importância só começou a ser discutida na década de 30 do século passado. De notar que no jornal *O Zoófilo* não se fez qualquer referência à psitacose, assim como a outras doenças zoonóticas, o que tem a ver com o foco do periódico e com a imagem que pretendia transmitir do próprio animal: o animal bom, companheiro do ser humano, com quem estabelece uma relação que tende a beneficiá-lo.

Já no século XX, em 1917, foram reportados vários casos de psitacose nos Estados Unidos, associados a aves exóticas, e, em 1929, foram registados 100 casos de pneumonia na Argentina [44]. O diagnóstico de psitacose foi estabelecido com base no facto de alguns dos infetados terem estado em contacto com um carregamento de aves exóticas provenientes do Brasil. Algumas dessas aves estavam doentes e acabaram por morrer, mas os donos das sobreviventes, para minimizar os danos, venderam-nas rapidamente, num tempo em que não havia fiscalização. Assim, a doença foi-se espalhando e os humanos foram sendo infetados. A

partir de então, a enfermidade chegou a vários países: Inglaterra (verão de 1929); Estados Unidos (novembro de 1929); Áustria (1930); Checoslováquia (1930); Dinamarca (1930); França (1930); Alemanha (1930); Holanda (1930); Polónia (1930); Espanha (1930); Suécia (1930); Suíça (1930); Argélia (1930); Egito (1930); México (1930); Canadá (1930); Japão (1930); Austrália (1930). Em praticamente todos estes países, a doença chegou através de embarcações que traziam a bordo aves infetadas [45].

Em 1930, ocorreu um novo surto. A Dinamarca foi atingida, verificando-se vários internamentos [46]. A doença terá começado na América do Sul, onde já assumia proporções epidémicas. Em meados da década de 1930, os estudos realizados nos EUA, na Inglaterra, na Alemanha e na França mostraram que a doença não era causada por uma bactéria, mas que apontavam antes para um vírus [47].

Desconhecemos a ocorrência de casos em Portugal. No entanto, para confirmar a sua existência, seria necessária a realização de um estudo mais exaustivo, que passaria pela consulta de registos hospitalares, fonte não contemplada na nossa investigação. Mesmo assim, em 1950, a psitacose humana era uma doença de declaração obrigatória em Portugal. A partir dos anos 60 do século passado, veterinários e médicos passaram a estar mais atentos à possibilidade de surtos de psitacose.

Conclusão

O tráfico de animais selvagens, designadamente de aves exóticas, continua a ser, na atualidade, uma das atividades ilícitas mais rentáveis, alimentada pelo desejo de os transformar em animais domésticos.

A “febre dos papagaios” é apontada como a zoonose mais comum transmitida por aves exóticas, particularmente periquitos, papagaios e araras, sendo que a transmissão entre pessoas pode ocorrer, embora só muito pontualmente tenha sido confirmada. As práticas, os hábitos e os caprichos dos seres humanos favorecem a propaga-

ção das zoonoses. A resposta passa por uma ação articulada e multidisciplinar de diversas áreas, como saúde, ambiente e agricultura.

As transformações ocorridas no século XIX, designadamente na área dos transportes, permitiram uma maior circulação de pessoas, mercadorias e também de animais, além de contribuírem para alterar os hábitos de consumo e as práticas dos indivíduos. Nesse século, os papagaios surgiram em grande número no Ocidente, em consequência não só do desenvolvimento da atividade comercial, como também da exploração de novas áreas, nomeadamente nos continentes africano e asiático, assim como no sudeste asiático. O crescimento do tráfico de aves exóticas tirou proveito destes progressos, permitiu uma maior democratização no acesso a essas aves. Assim, papagaios e araras passaram a habitar em muitas casas europeias, as suas penas começaram a decorar os chapéus das senhoras e a sua carne a figurar na ementa de restaurantes.

A epidemia da “febre dos papagaios”, sobretudo a de 1929, teve impacto numa prática, sedimentada nas sociedades ocidentais, de domesticação de papagaios e da sua presença num meio essencialmente composto por seres humanos. No entanto, o pânico foi lançado, amplamente fomentado pela imprensa periódica de então, passando as populações a encarar essas aves não apenas como um animal de companhia, mas, igualmente, como um foco iniciador de doenças. Portugal parece não ter sido atingido por aquela que ficou conhecida como a epidemia da “febre dos papagaios”, não deixando, contudo, de a noticiar e de evidenciar, nas primeiras décadas do século XX, preocupações com a saúde pública, nomeadamente com problemas decorrentes de um mundo mais globalizado e, em particular, do crescente comércio de animais.

Conflitos de interesse

A autora declara que não existem conflitos de interesse relacionados com o presente artigo.

Bibliografia

1. Dartnell, L. *Being Human. How our biology shaped world history*. London: The Bloley Head; 2023.
2. Honigsbaum, M. *O século das pandemias*. Rio de Mouro: 2021 Vogais; 2021.
3. Machalaba CC, Loh EH, Daszak P, Karesh WB. Emerging Diseases from Animals. *State of the World* 2015. 2015:105–16.
4. Burkle, F.M. (2006). Globalization and disasters: Issues of public health, state capacity and political action. *Journal of International Affairs*, 59 (2), 231–265.
5. Pepin, J. *The origins of AIDS*. Cambridge: Cambridge University Press; 2017.
6. Quammen, D. *Contágio*. Lisboa: Objetiva; 2020.
7. Rocha, E. M. Animais, Homens e Sensações segundo Descartes. *Revista KRITERION* [Internet]. 2004 [Consultado em 18 de março de 2024];110: p. 350-364. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/ykzcBMDkRfLrnT3Vry7d9XK/?format=pdf&lang=pt>
8. Perkins, D. *Romanticism and Animal Rights*. Cambridge: Cambridge University Press; 2009.
9. Bombarda, M. *Curiosidades Médicas*. Medicina Contemporânea; 1898: 403.
10. Wolloch, N. *The Enlightenment's Animals Changing Conceptions of Animals in the Long Eighteenth Century*. Amsterdam: Amsterdam University Press; 2019.
11. Uchôa, M. Montaigne e os mundos animais. *Revista de Filosofia do IFCH da Universidade Estadual de Campinas* [Internet]. 2019 [Consultado em 18 de março de 2024]; v.3 (6):262-273. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br//index.php/modernoscontemporaneos>
12. *A Medicina Contemporânea: 1900*.
13. *Anais de Saúde Pública do Reino. Legislação Sanitária. Coleção de documentos oficiais desde 1879 a julho de 1899*. Lisboa: Imprensa Nacional; 1901: 273.
14. Amaro, A., Felgueiras, M. L., & Lencastre, M. P. A educação e o movimento de defesa dos animais não humanos em Portugal na transição do século XIX para o Século XX. *Revista Tempos E Espaços Em Educação*. 2014; 6(10): 29–25.
15. Wolloch, N. *The Enlightenment's Animals Changing Conceptions of Animals in the Long Eighteenth Century*. Amsterdam: Amsterdam University Press; 2019: 27-36.
16. Carvalho, A.; Waizbort, R. Pain beyond the confines of man: a preliminary introduction to the debate between Frances Power Cobbe and the Darwinists with respect to vivisection in Victorian England (1863-1904). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. 2010; v.17, n.3, July-Sept.
17. Sobre esta ativista leia-se *The women of Animal Rights*. [Consultado em 15 de outubro de 2023]. Disponível em https://www.academia.edu/41945345/The_women_of_Animal_Rights
18. Donald, D. *Women against cruelty: protection of animals in the nineteenth-century Britain*. Manchester: Manchester University Press; 2020.
19. *A Medicina Contemporânea; 1917: 366*.
20. Gouveia, J. *O Homem e os animais domésticos nas suas relações patológicas*. Dissertação inaugural apresentada à Faculdade de Medicina do Porto. Porto: Tipografia Sequeira; 1915: 69.
21. Ávila-Pires, F. Zoonoses: Hospedeiros e Reservatórios. *Cadernos de Saúde Pública*. 1989; 5 (1): 82-97.
22. *Diário de Notícias*, 20 de outubro de 1938.
23. *Diário de Notícias*, 9 de novembro de 1938.
24. *Diário de Notícias*, 13 de julho de 1927.
25. Sobre cães e gatos leia-se Braga, P. Cães e gatos, animais de companhia por excelência. Em: Drumond I; Drumond P, coordenadores. *Animais e Companhia na História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores; 2015: 128-153.
26. *O Zoophilo*, 1900. p. 3
27. *O Zoophilo*, 1907. p. 5.
28. *O Zoophilo*, 1907. p. 5.
29. Jones, B. *The History of Veterinary Medicine and the Animal-Human relationship*. 5m Publishing; 2022.
30. Robbins, L. *Elephant slaves and pampered parrots. Exotic animals in Eighteenth-century Paris*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press; 2002: 124.
31. Colling, S. *Animal resistance in the global capitalista era*. Michigan: Michigan State University Press; 2021: 20.
32. *O Zoophilo*, 1911. p. 1-2.
33. Robbins, L. *Elephant slaves and pampered parrots. Exotic animals in Eighteenth-century Paris*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press; 2002: 126.
34. Lopes, M. A. *Escritores e animais: vivências, representações e sentimentos, do Barroco ao Naturalismo*. Em: Braga I, Braga P, coordenadores. *Animais e companhia na História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores; 2015. p. 437-487.
35. *O Zoophilo*, 1912. p. 3.
36. *O Zoophilo*, 1901. p. 2.
37. *O Zoophilo*, 1902. p. 2.
38. *O Zoofilo*, 1936. p. 3.
39. *O Zoophilo*, 1900. p. 4.
40. *O Zoophilo*, 1900. p. 4.
41. *O Zoophilo*, 1901. p. 3.
42. Tavares, W., Pereira N., Coura, J. A Propósito de um caso de Psitacose observado no Estado do Rio de janeiro. *Rev. Soc. Bras. Med. Trop.* [Internet]. 1967 [Consultado a 18 de março de 2024]; 1(5): 273-279.
43. *O Século*, 29 de março de 1892.
44. *O Século*, 29 de março de 1892.
45. Ramsey, Edward C. The Psittacosis Outbreak of 1929–1930. *Journal of Avian Medicine and Surgery*. 2003; vol. 17, 4 (December): 235-237; Weston KM, Polkinghorne A, Branley JM. Psittacosis contagion in 1930: an old story in a new era of zoonotic disease. *Microbes Infect.* 2023 May; 25(4):105076.
46. *Diário de Notícias*, 8 de fevereiro de 1930.
47. *Diário de Notícias*, 7 de março de 1930.